

CONSCIENTIZAÇÃO E LUTA EM SAGRADA ESPERANÇA

NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*.
São Paulo: Editora Ática, 1985.

Táisa Teixeira Medeiros¹

Universidade Federal de Santa Maria

Sagrada esperança é um livro de poemas datados dos anos 1940, 1950 e 1960, sendo os poemas mais antigos escritos por volta de 1945. A obra como um todo traz reflexões e sensibilizações a respeito da situação africana nos citados anos, decorrente do colonialismo europeu e da demasiada exploração dos povos africanos. Através das palavras, Agostinho Neto, poeta angolano (e também o primeiro presidente de Angola após a independência dessa nação) tenta levar principalmente os opressores a uma mudança de consciência. Essa iniciativa se dá por mensagens de otimismo - segundo Basil Davidson, autor do prefácio, “um otimismo severo que nunca é sentimental ou romântico” (1985, p. 6), amor à vida e humanismo. Sua poesia não permite mascaramento: sua luta é clara. Não à toa, Agostinho foi vítima de opressões e frequentes vezes preso por posicionar-se contra a autoridade colonial portuguesa.

Quando se lê os poemas contidos em *Sagrada esperança*, é possível traçar uma reta formada por vários pontos em comum nos poemas. Uma das características que mais chamam a atenção ao longo da obra é a forma como o autor defende seu povo, o exalta e o valoriza. Como em “Na pele do tambor”, é perceptível a valorização da cultura africana, dando bastante

1. Aluna da graduação em Letras pela UFSM. Esta resenha é fruto de trabalhos desenvolvidos na Iniciação Científica, orientada pelo Prof. Dr. Anselmo Peres Alós.

ênfase para a imagem do tambor. Já em “Sangrantes e germinantes” o enfoque se dá nas diversas facetas da África: debaixo das garras (do europeu); a África “negra e clara como manhãs de amizade” (NETO, 1985, p. 61); a África imensa e, por fim, a África unida no amor.

Através dessa valorização, Agostinho Neto dá força política a seus poemas, assumindo o papel de líder de seu povo através das suas palavras. É sobre assumir esse papel de liderança e de ver além que trata o poema “Adeus à hora da largada”. O eu-lírico inclui-se na miséria que ele descreve – ele também é povo, ele não se isenta desse sofrimento. Fala sobre a dor de abandonar sua terra em um momento em que a guerra parece perdida, tratando a pátria angolana como “Mãe”. Para além disso, o eu-lírico afirma: “eu já não espero/sou aquele por quem se espera” (NETO, 1985, pág. 9), dando um caráter mais político ao poema.

Outra temática bastante recorrente nos poemas é a do trabalho escravo, por vezes falando do sofrimento, e em outras trazendo a esperança do seu fim. Em “Contratados”, o enfoque inicial se dá na descrição do trabalho de carregadores. Ao longo do poema, esses deixam de ser meras figuras e vão ganhando sentimentos e, apesar de tudo, eles cantam. Por meio desse poema, é possível perceber a força que a musicalidade tem na cultura angolana, ainda mais como modo de desabafo, uma vez que os trabalhadores não podiam contestar e também não sabiam escrever.

O contexto histórico é de extrema importância para a compreensão das obras. Isso ocorre em diversos poemas, mas creio que o que mais pede compreensão do contexto é o poema “Massacre de S. Tomé”, que como o título sugere, fala sobre o Massacre de Batepá, ocorrido em três de fevereiro de 1953, em São Tomé. No poema, o autor cita o sacrifício feito pelas centenas de são-tomenses em tal acontecimento e, para isso, é preciso compreender a história. O fato deu-se a mando do governador português da época, Carlos Gorgulho, com o objetivo de angariar mão de obra barata para seu programa de construções e melhoramentos pú-

blicos. Porém muitos se rebelaram contra isso, negando-se ao trabalho, provocando atos extremos da parte do governo.

Mobilizando o argumento de que estaria havendo uma conspiração incitada pelos africanos, os nativos foram assassinados naquele que se configuraria como o pior massacre da história das ilhas de São Tomé e Príncipe. Com isso, o massacre transformou-se em um dos mais importantes marcos da história do arquipélago, não só pelo horrendo ato que foi, mas também pela mensagem de coragem demonstrada pelos que tombaram em nome da pátria. Agostinho Neto, mesmo não sendo um escritor são-tomense, ajuda a manter na memória esse fato tão importante para o país.

Há também, em “Massacre de S. Tomé”, uma forte colocação do leitor no espaço de ação através das descrições. Um exemplo disso é a frequente repetição das imagens do mar, da praia e da água salgada. Agostinho Neto retoma esses elementos porque o massacre deu-se na praia de Fernão Dias, no noroeste da ilha de São Tomé, quando corpos ensanguentados entravam em contato com a água do mar, manchando a praia com o sangue dos são-tomenses. Para “secar o mar”, as pessoas tiravam água salgada do mar com baldes e jogavam na praia, na intenção de diluir o sangue das areias da praia.

Além disso, mesmo contando todo o drama do povo africano, Agostinho Neto jamais apela ao melodrama fácil, pois antes mesmo de pensar negativamente, ele coloca um pouco de esperança em suas palavras. É exatamente como o autor do prefácio define: “[os poemas são] completamente imunes à influência da amargura ou da mágoa, do ódio [...], celebrando a história trágica de um povo, assim como a vitória sobre essa tragédia” (DAVIDSON, 1985, p. 6). Por isso, Neto faz a revolução com suas palavras: porque ao pensar positivo acaba por ser visionário.

O poeta também mobiliza o povo em relação à sua pátria no poema “Havemos de voltar”, escrito quando se encontrava em uma prisão em Lisboa. Trata-se de um poema carregado de exaltação à sua terra, com

lembranças cheias de nostalgia e de um desejo de rever uma vez mais a sua pátria. Porém, ele não fala em voltar para a Angola ainda dependente dos seus colonizadores: ele quer voltar para sua terra e vê-la liberta. Analisando esses dois últimos poemas, percebe-se o enfoque nos movimentos de partida e chegada do sujeito à sua terra. Assim, Agostinho Neto contempla dois momentos da luta com a qual muitos angolanos se identificam, falando da dor da partida, do sentimento de saudade e da esperança do reencontro com sua pátria já independente.

Outro ponto importante são as descrições de espaço e de cenário feitas pelo eu-lírico. Através do ritmo do poema e das palavras escolhidas pelo poeta, o leitor é inserido naquele contexto, tornando mais palpáveis os sentimentos descritos, as ações e os personagens ali colocados. É o caso do poema “Sábado nos musseques”, que traz a descrição dos bairros humildes e dos acontecimentos ditos comuns para um sábado à noite. Com a mobilização dessa estratégia retórica, a leitura segue a cadência dos versos criados pelo poeta, podendo o leitor sentir a ansiedade presente ao longo da descrição dos acontecimentos que se passam nos musseques. Agostinho Neto expõe as ânsias e percepções dos moradores dos musseques, e escolhe um momento de bastante ansiedade para retratar, como o sábado. Com isso, o autor acaba por exemplificar as tensões sociais existentes e chamar a atenção para a vida dessa população. É notável o trabalho de Agostinho Neto, que tanto acrescentou às lutas dos povos africanos, em especial do povo angolano, mesmo depois da independência. Agostinho Neto escolheu as palavras para escrever história e para fazer a diferença em uma sociedade que já vinha perdendo as esperanças de alcançar a soberania.

Referências

DAVIDSON, Basil. Prefácio. In: NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*. São Paulo: Editora Ática, 1985. p. 6-12.

NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

PAVÃO, Suzana Rodrigues. O desenvolvimento da consciência nacional em *Sagrada esperança*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 337-347, 1º sem.

2003. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta12/Conteudo/NI12_Parte03_art03.pdf>. Acesso em: 17/09/2015.

SANTOS, Edna Maria dos. Viriato da Cruz e Agostinho Neto: história, poesia, música e revolução. *Magistro*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 65-73, 2010.

Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1059/621>>. Acesso em: 17/09/2015.

Recebido em: 22/09/15

Aceito em: 28/10/15